

V SEMINÁRIO DE ESTÁGIO DA UPE
UPE CAMPUS MATA NORTE – PERNAMBUCO
11 a 13 de junho de 2025

**Educação que Transforma: Experiências Pedagógicas com
Metodologias Ativas e Escuta Sensível no Ensino de História.**

Manuela Cristina Da Silva¹

Dzaita da Silva Batista²

D.r Thiago Nunes Soares³

M.e Jair Gomes de Santana⁴

Resumo

O presente relato de experiência tem como objetivo apresentar e refletir sobre duas práticas pedagógicas desenvolvidas no contexto do Estágio Supervisionado III do curso de Licenciatura em História, realizadas por duas licenciandas em instituições com realidades distintas, porém complementares. A primeira intervenção consistiu na aplicação de uma atividade lúdica, intitulada “Jogo do Milhão – Revolução Industrial”, que visou dinamizar o processo de ensino-aprendizagem e favorecer o engajamento dos estudantes. A segunda atividade baseou-se em uma aula dialógica e afetiva acerca da vivência camponesa e do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), promovendo a escuta ativa e o reconhecimento das identidades dos sujeitos envolvidos. Ambas as práticas se fundamentam em metodologias ativas e evidenciam a importância de estratégias que considerem o contexto sociocultural dos discentes e que promovam uma educação crítica, significativa e emancipadora, em consonância com os princípios da pedagogia freiriana. O estágio, enquanto espaço formativo, revelou-se essencial para a construção de uma prática docente sensível, reflexiva e comprometida com a transformação social.

Palavras-chave: Ensino de História. Metodologias ativas. Ludicidade. Educação do campo. MST.

¹Graduanda em História na Universidade de Pernambuco (UPE) – Campus Mata Norte. manuela.cristina@upe.br

² Graduanda em História na Universidade de Pernambuco (UPE) – Campus Mata Norte. dzaita.batista@upe.br

³ Doutor em História e professor efetivo da Universidade de Pernambuco.

⁴ Mestre em História e professor efetivo da Universidade de Pernambuco.

Introdução

A formação docente em História demanda mais do que a apropriação de conteúdos disciplinares: exige sensibilidade para reconhecer o estudante como sujeito histórico, portador de saberes e experiências que atravessam o cotidiano escolar. Nesse processo formativo, o Estágio Supervisionado se configura como um espaço privilegiado de experimentação e reflexão crítica sobre as práticas pedagógicas, permitindo ao licenciando articular teoria, currículo e realidade sociocultural dos discentes. Como destaca Paulo Freire (1996), ensinar é um ato de amor e coragem, que pressupõe escuta, diálogo e compromisso com a transformação social.

Este relato apresenta duas experiências pedagógicas realizadas no Estágio Supervisionado III, em turmas do Ensino Fundamental II, as quais se apoiam em metodologias ativas e em uma abordagem pedagógica crítica. A primeira experiência teve como foco o uso da ludicidade, por meio da aplicação do “Jogo do Milhão – Revolução Industrial”, com o intuito de dinamizar o ensino de um conteúdo clássico da historiografia escolar. A segunda proposta consistiu em uma aula dialógica sobre o campo e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), realizada com estudantes majoritariamente oriundos de áreas rurais, buscando valorizar suas vivências e promover o reconhecimento de suas identidades no processo de aprendizagem.

Ambas as práticas se orientam pela compreensão de que o ensino de História não pode se restringir à transmissão de fatos e datas, mas deve possibilitar aos alunos a construção de uma consciência histórica nos termos de Rüsen (2001), que lhes permita interpretar criticamente o passado e posicionar-se no presente de forma ética e participativa. Ao se inspirarem na pedagogia dialógica e na escuta sensível, essas experiências apontam para a urgência de práticas educativas que promovam não apenas o domínio cognitivo, mas também a valorização da cultura dos sujeitos, o pertencimento e a construção de sentido no ato de aprender.

Metodologia

As experiências pedagógicas aqui relatadas foram desenvolvidas no âmbito do Estágio Supervisionado III do curso de Licenciatura em História e ancoram-se no paradigma das metodologias ativas, que reposicionam o estudante como protagonista no processo de construção do conhecimento. Inspiradas por uma abordagem freiriana, que valoriza a dialogicidade, a escuta sensível e a articulação entre saberes escolares e a realidade vivida pelos educandos (FREIRE, 1996), as intervenções pedagógicas buscaram promover um ensino mais humanizado, significativo e crítico.

A primeira experiência teve como eixo central a ludicidade como recurso didático. A regente propôs o “Jogo do Milhão – Revolução Industrial”, inspirado no formato do programa televisivo homônimo, adaptado ao conteúdo curricular. A atividade consistiu na elaboração de perguntas de múltipla escolha, organizadas em diferentes níveis de complexidade, relacionadas aos principais aspectos da Revolução Industrial. Os estudantes, organizados em grupos, responderam às questões em papel, favorecendo a socialização do conhecimento, o raciocínio lógico e a cooperação entre pares. Ainda que desprovida de recursos tecnológicos, a atividade demonstrou potencial para estimular a participação ativa e o interesse pelo conteúdo histórico, contribuindo para a internalização dos conceitos por meio da mediação lúdica.

Já a segunda experiência consistiu em uma aula com enfoque dialógico e afetivo, cujo ponto de partida foi a pergunta geradora “O que é viver no campo?”, estratégia que, segundo Libâneo (2013), estimula a reflexão crítica ao estabelecer pontes entre o conhecimento escolar e os saberes prévios dos alunos. Realizada em uma escola com expressiva presença de estudantes oriundos do meio rural, a atividade promoveu um espaço de escuta ativa sobre as experiências cotidianas desses sujeitos, permitindo que se reconhecessem como portadores de saberes históricos e culturais. Em seguida, foram apresentadas imagens relacionadas ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), com o intuito de ampliar o repertório dos alunos e provocar reflexões sobre os conflitos e as lutas sociais no campo brasileiro.

Ambas as propostas metodológicas priorizaram a construção coletiva do conhecimento e a valorização do contexto sociocultural dos discentes, em consonância com as diretrizes da educação crítica e emancipatória. Essas experiências demonstram que, ao romper com práticas tradicionais e transmissivas, o ensino de História pode tornar-se um espaço potente para o desenvolvimento da consciência histórica e da cidadania ativa.

Análise e discussão

As duas experiências demonstram caminhos diferentes, mas igualmente potentes, para o ensino de História. O “Jogo do Milhão” se mostrou eficaz na promoção do raciocínio lógico, da colaboração entre os alunos e do engajamento no conteúdo, mostrando que é possível ensinar temas clássicos de forma leve e interativa. Por outro lado, a aula sobre o campo e o MST foi uma experiência de escuta e pertencimento, onde os alunos puderam refletir sobre suas próprias histórias e se reconhecerem como sujeitos históricos. Essa abordagem promoveu não apenas o aprendizado de conteúdo, mas também o fortalecimento da autoestima e da identidade cultural dos alunos. Ambas mostram que a prática docente pode (e deve) dialogar com a realidade dos estudantes.

Conclusão

As práticas pedagógicas desenvolvidas no Estágio Supervisionado III evidenciam a potência de um ensino de História comprometido com a escuta, o diálogo e a valorização dos saberes dos estudantes. Ao recorrer a metodologias ativas – como a ludicidade no “Jogo do Milhão” e a escuta afetiva na aula sobre o campo e o MST – as licenciandas não apenas dinamizaram o processo de ensino-aprendizagem, mas também possibilitaram a construção de vínculos significativos entre o conteúdo escolar e as vivências dos alunos. Tais experiências demonstram que, quando o ensino se ancora nas realidades concretas dos sujeitos, ele se torna não apenas mais

eficaz, mas também mais humano e transformador. Nesse sentido, o estágio cumpriu sua função formativa ao proporcionar um espaço de reflexão crítica e de experimentação pedagógica, contribuindo para a construção de uma prática docente sensível às desigualdades e atenta às possibilidades de emancipação por meio da educação. Assim, reafirma-se a importância de uma docência que se comprometa com a formação de sujeitos históricos capazes de interpretar o mundo e atuar para transformá-lo.

Referências

FREIRE, Paulo.
Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 69. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

LIBÂNEO, José Carlos.
Didática. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

RÜSEN, Jörn.
Razão histórica: teoria da história – os fundamentos da ciência histórica. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Brasília: Editora da UNB, 2001.